

Interloquções entre o Pensamento Educativo do Papa Francisco e Paulo Freire

Edilmar Cardoso Ribeiro¹

¹Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago – Chile

RESUMO – Interloquções entre o Pensamento Educativo do Papa Francisco e Paulo Freire. Este artigo analisa o pensamento educativo do Papa Francisco e de Paulo Freire, explorando possíveis interlocuções entre suas perspectivas. Utilizou-se uma abordagem metodológica baseada em pesquisa documental e bibliográfica, examinando discursos e documentos oficiais do Papa Francisco e as obras de Paulo Freire: *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança*. Conclui-se que há uma convergência significativa, bem como diferenças nas abordagens do Papa Francisco e Paulo Freire em relação a temas como: educação humanizadora, educação integral, educação como agente de transformação, educação e esperança, educação ambiental e também educação, amor e responsabilidade.

Palavras-chave: Papa Francisco. Paulo Freire. Educação. Pedagogia. Humanização.

ABSTRACT – Interlocutions between the Educational Thought of Pope Francis and Paulo Freire. This article analyzes the educational philosophies of Pope Francis and Paulo Freire, exploring potential dialogues and convergences between their perspectives. Employing a methodological approach based on documentary and bibliographic research, it examines speeches and official documents of Pope Francis alongside Paulo Freire's seminal works: *Pedagogy of the Oppressed*, *Pedagogy of Autonomy*, and *Pedagogy of Hope*. The analysis reveals significant areas of convergence, as well as nuanced differences, in their approaches to key themes such as humanizing education, integral education, education as an agent of transformation, education and hope, environmental education, and the interconnectedness of education, love, and responsibility.

Keywords: Pope Francis. Paulo Freire. Education. Pedagogy. Humanization.

Introdução

É crucial reconhecer que, mesmo nos dias atuais, enfrentamos experiências de desumanização profunda, inclusive nos processos educacionais. Existem inúmeras situações em que os seres humanos clamam por humanização e libertação. Além disso, é importante salientar que milhões de crianças e jovens são marginalizados do sistema educacional, tanto escolar quanto universitário, uma vez que ainda persistem práticas educativas elitistas e exclusivistas.

Diante desse contexto, torna-se fundamental buscar respostas para esta questão que irá consubstanciar a essência deste trabalho: Quais são os princípios e práticas para uma educação que fomente a humanização? A abordagem deste tema é relevante, uma vez que a educação é um tema central no pontificado do Papa Francisco, e para Paulo Freire ela é uma das principais ferramentas para a transformação da sociedade.

Desde que assumiu o cargo de bispo de Roma, em 2013, Francisco tem expressado repetidamente sua preocupação com a educação. Essa preocupação levou-o a estabelecer a Fundação *Gravissimum Educationis* em 2015, com a missão de promover a educação católica. Em 2020, lançou um Pacto Educativo Global com o objetivo de “[...] revigorar o compromisso para e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais inclusiva e aberta [...]” (Francisco, 2021, s/p).

Paulo Freire (1921-1997), Patrono da Educação Brasileira, é um dos brasileiros mais renomados e um dos filósofos e educadores mais lidos do século XX. Ele é autor de vários livros, incluindo *Pedagogia do Oprimido* (1967-1968), *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *Pedagogia da Esperança* (1992).

Embora o Papa Francisco não seja um educador no sentido estrito da palavra, como bispo de Roma e Papa da Igreja Católica, sua função é mais voltada para a discussão e proposta de princípios para a educação, principalmente no contexto da educação cristã. Já Paulo Freire foi um educador no sentido mais puro e estrito do termo. Ele atuou tanto na prática quanto na teoria. Suas obras refletem seu trabalho como educador, apresentando não apenas princípios educativos, mas também uma pedagogia específica.

Neste artigo, analisamos o pensamento educacional do Papa Francisco e de Paulo Freire, destacando os princípios e práticas que promovem uma educação humanizada e humanizadora. Para isso, optamos por uma abordagem qualitativa, examinando discursos e documentos oficiais do Papa Francisco, bem como as obras de Paulo Freire: *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança*.

Pensamento Educacional do Papa Francisco

Pensamos que a educação seja um dos caminhos mais eficazes para humanizar o mundo e a história. A educação é sobretudo uma questão de amor e responsabilidade que se transmite, ao longo do tempo, de geração em geração (Francisco, 2020b, s/p).

Em 2015, durante um discurso no Congresso Mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica, o Papa Francisco enfatizou que: “Não se pode falar de educação católica sem falar de humanidade” (Francisco, 2015b, s/p). No mesmo ano, em um discurso à Associação de Pais das Escolas Católicas, ele destacou a “[...] importância de promover uma educação para a plenitude da humanidade, porque falar de educação católica equivale a falar de humano, de humanismo” (Francisco, 2015c, s/p).

A partir disso, podemos inferir que a educação como um meio de humanização é um princípio fundamental da visão educacional do Papa Francisco. Ele destaca o papel crucial da educação na humanização e sublinha a necessidade de *humanizar a educação*. Isso é particularmente relevante em face do individualismo que empobrece as pessoas e as instituições, tornando-as culturalmente estéreis (Francisco, 2017).

Em 2019, o Papa Francisco lançou o Pacto Educativo Global, destacando que um dos objetivos desse pacto é “[...] ter a coragem de colocar no centro a pessoa” (Francisco, 2019a, s/p) do processo educativo. Com essa afirmação, ele nos convida a um novo humanismo. Esse novo humanismo implica colocar no centro dos processos educativos o “[...] valor próprio de cada criatura, em relação com as pessoas e com a realidade que a rodeia” e propor “[...] um estilo de vida que rejeite a cultura do descarte” (Francisco, 2019a, s/p).

A pessoa no centro dos processos formativos é, portanto, um princípio fundamental da visão educacional do Papa Francisco. Em 2022, durante um discurso, ele utilizou a figura mitológica de Eneias para reafirmar este princípio. Eneias, no meio das chamas que devoravam Troia, carrega nas costas seu pai idoso, Anquises, e leva pela mão seu filho jovem, Ascânio. A atitude de Eneias é um exemplo da centralidade da pessoa – afirma o Papa Francisco. Eneias deixa a cidade em meio às chamas e não leva consigo nada de bens materiais, mas leva consigo somente seu pai e seu filho: as raízes e o futuro. A partir desse exemplo, o Papa Francisco conclui que “[...] em qualquer processo educativo é sempre necessário colocar no centro as pessoas” (Francisco, 2022, s/p).

Outro objetivo do Pacto Educativo Global, destacado pelo Papa Francisco, é impulsionar uma educação que invista “[...] as melhores energias com criatividade e responsabilidade” (Francisco, 2019a, s/p). Além de reafirmar o princípio da centralidade da pessoa nos processos educativos, ele enfatiza a necessidade de uma “[...] ação propositiva e confiante sobre a educação para uma projeção a longo prazo, que não encalhe na tendência estática das condições” (Francisco, 2019a, s/p). Esta atitude é fundamental para a formação de pessoas abertas, responsáveis, disponíveis e capazes de construir relações, de modo a constituir um novo humanismo (Francisco, 2019a, s/p). Para melhor ilustrar este aspecto, o Papa Francisco recorre novamente ao exemplo da figura mitológica de Eneias.

O idoso Anquises representa a tradição, que deve ser respeitada e preservada. [...] 'A tradição é a garantia do futuro', não uma peça de museu. Ascânio representa o amanhã que deve ser garantido; Eneias é aquele que age como 'ponte', assegurando a passagem e a relação entre as gerações. Com efeito, a educação está sempre enraizada no passado, mas não para se deter ali: visa 'um projeto a longo prazo', onde o antigo e o novo se fundem na composição de um novo humanismo. [...] A verdadeira tradição é esta, que se leva em frente com os filhos (Francisco, 2022, s/p).

Em relação à projeção a longo prazo no âmbito educacional, é importante considerar o princípio de que "[...] o tempo é superior ao espaço" (Francisco, 2013, p. 222-225, 2015a, p. 178). Segundo o Papa Francisco, esse princípio nos permite trabalhar a longo prazo sem a obsessão por resultados imediatos, focando mais na geração de processos.

Nos discursos analisados, outro aspecto destacado do pensamento educacional do Papa Francisco é a educação integral. Ele frequentemente critica uma educação excessivamente tecnicista e limitada à transferência de conteúdo. Francisco destaca a necessidade de uma *educação de emergência* e uma *educação informal*. Ele argumenta que a educação formal, herança do positivismo, concentra-se apenas no conhecimento tecnicista e intelectualista, utilizando apenas a linguagem da mente e ignorando outras experiências.

A educação formal limita-se a inculcar conceitos, tornando-se seletiva e exclusiva (Francisco, 2015b; 2019b). Para superar esse modelo de educação seletiva e exclusiva, Francisco defende uma educação inclusiva e informal que integre harmoniosamente as três linguagens nas experiências educativas: a mente, o coração e as mãos (Francisco, 2015b; 2023; 2024).

A educação deve mover-se nestes três caminhos. Ensinar a pensar, ajudar a ouvir bem e acompanhar no fazer, ou seja, que as três linguagens estejam em harmonia; que a criança, o jovem, pense aquilo que sente e faz, sinta aquilo que pensa e faz, e faça aquilo que pensa e sente. E deste modo, a educação torna-se *inclusiva* porque todos têm um lugar; *inclusiva* também humanamente (Francisco, 2015b, s/p).

A proposta de Francisco para uma educação que harmoniosamente ensine as três linguagens – a da mente, a do coração e a das mãos – está em sintonia e diálogo com os quatro pilares da educação: aprender a conviver, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser. Estes pilares, desenvolvidos por Jacques Delors em 1996, foram publicados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI (Delors, 1998).

Segundo o Papa Francisco, a educação sempre se orientou pelo princípio do "[...] conhece-te a ti mesmo". Para que ela seja realmente integral, também precisa estar aberta ao princípio *conhece a Transcendência*, com o objetivo de educar para o grande mistério da vida (Francisco, 2021). Para o Papa Francisco, uma educação aberta à transcendência é aquela que introduz a totalidade da verdade. Na totalidade do ser humano, existe também o aspecto da transcendência, e a educação

não pode ignorar este aspecto constitutivo do ser humano. Educar para a totalidade da verdade, na visão de Francisco, significa “[...] educar os jovens e as crianças nos valores humanos em todas as realidades, e uma destas realidades é a transcendência” (Francisco, 2015b, s/p).

Durante o lançamento do Pacto Educativo Global, Papa Francisco destacou a importância da escuta e do diálogo nos processos educativos. Ele enfatizou a necessidade de dedicar tempo para ouvir atentamente as necessidades, preocupações e experiências dos educandos, com o objetivo de promover um ambiente educacional inclusivo e acolhedor (Francisco, 2019a). Ouvir as vozes das crianças, adolescentes e jovens é essencial para incluir suas perspectivas e opiniões no processo educativo. Isso significa dar espaço para que sejam respeitados e valorizados, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Esse compromisso com a participação, a igualdade e o respeito pelos direitos e dignidade de cada indivíduo promove um ambiente educativo mais empático, colaborativo e significativo (Francisco, 2020b).

Ao colocar a escuta como um componente essencial da educação, o Papa Francisco sublinha a importância de criar espaços para diálogo, onde as vozes de todos os envolvidos no processo educacional possam ser ouvidas e valorizadas. Ele vê uma educação que promove o diálogo como aquela que incentiva a comunicação aberta, respeitosa e construtiva entre educadores, alunos e a sociedade em geral. Uma educação que promove o diálogo busca a unidade, a fraternidade e a abertura a novas experiências e horizontes, permitindo que os indivíduos se envolvam de forma ativa e participativa no processo educativo. Assim, a escuta e o diálogo são considerados princípios essenciais na construção de uma educação mais inclusiva, colaborativa e enriquecedora para todos (Francisco, 2015b).

No exame dos textos e discursos do Papa Francisco, evidencia-se uma relação intrínseca entre educação e esperança. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* de 2013 e no discurso aos membros da Fundação *Gravissimum Educationis* de 2018, o Papa Francisco declara: “[...] não deixemos que nos roubem a esperança” (Francisco, 2013, n. 86, 2018, s/p). Segundo ele, a educação deve atender a essa expectativa, instando os educadores a infundir esperança no mundo globalizado. Daí surge o convite para *globalizar a esperança e apoiar as esperanças da globalização* (Francisco, 2018, s/p).

A educação proposta pelo Papa Francisco não apenas ensina a esperança, mas também a mantém viva na história (Francisco, 2020b, s/p). Ele associa a esperança ao risco, enfatizando que esperar não é um otimismo superficial, mas sim “[...] saber arriscar de maneira certa, exatamente como a educação” (Francisco, 2017, s/p).

No pensamento do Papa Francisco, a esperança está intrinsecamente ligada à ideia de que a mudança não é apenas possível, mas também alcançável. Ele nos lembra que a vida e a realidade não são estáticas ou predeterminadas.

[...] educar é apostar e infundir no presente a esperança que rompe os determinismos e fatalismos com que muitas vezes o egoísmo do forte, o conformismo do vulnerável e a ideologia do utopista se querem impor como único caminho possível. Educar é sempre um ato de esperança que convida à comparticipação transformando a lógica estéril e paralisadora da indiferença numa lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum (Francisco, 2020b, s/p).

Nesse contexto, o Papa Francisco destaca o papel crucial da educação como uma força transformadora. Para ele, “[...] só mudando a educação se pode mudar o mundo” (Francisco, 2018, s/p). Diante das crises do mundo atual e de um modelo de desenvolvimento que gera exclusão e destruição da natureza, Francisco fala da necessidade de um novo modelo educacional capaz de iniciar um novo paradigma cultural que respeite a dignidade humana e cuide de nossa Casa Comum (Francisco, 2019a, 2020b).

Outro aspecto significativo no pensamento educacional do Papa Francisco é o caráter relacional e comunitário da educação. No discurso de lançamento do Pacto Educativo Global, citando um provérbio africano, ele afirmou que “[...] para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira” (Francisco, 2019a, s/p). A educação não é responsabilidade exclusiva de um indivíduo ou de uma única instituição. Pelo contrário, é um processo construído e realizado de maneira relacional e comunitária. Isso implica uma aliança entre todos os aspectos da pessoa: entre o estudo e a vida; entre as gerações; entre professores, alunos, famílias e a sociedade civil, com suas expressões intelectuais, científicas, artísticas, esportivas, políticas, empresariais, religiosas e solidárias (Francisco, 2019a).

Educar para o serviço é um aspecto central no pensamento educacional do Papa Francisco. No discurso de lançamento do Pacto Educativo Global, ele sublinha que a educação precisa ter a “[...] coragem de formar pessoas disponíveis para se colocarem ao serviço da comunidade” (Francisco, 2019a, s/p). Para o Papa Francisco, a formação para o serviço implica uma abordagem educacional que desenvolva indivíduos com um forte senso de responsabilidade social e compromisso com os outros, especialmente com os mais vulneráveis. Isso envolve a formação de valores éticos e morais que incentivem a ação altruísta e o cuidado com os necessitados. Além disso, educar para o serviço é essencial para cultivar uma consciência crítica e ativa, permitindo aos alunos reconhecer e responder às injustiças sociais, promovendo uma cidadania responsável. Essa abordagem é vital para enfrentar os desafios contemporâneos e garantir que as futuras gerações estejam preparadas para agir em prol de um mundo mais humano e solidário (Francisco, 2022).

Diante dos conflitos e violências que permeiam o mundo contemporâneo, o Papa Francisco ressalta outra exigência da educação: “[...] educar para o acolhimento do outro” (Francisco, 2021, s/p), promovendo a fraternidade. Segundo ele, essa é uma finalidade primordial da educação. Na encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco defende que,

para construir um mundo mais fraterno, é imprescindível educar as novas gerações para “[...] reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física” (Francisco, 2020a, n. 1). Nesse contexto, ele sugere que a educação, que sempre se pautou pelo princípio do *conhece-te a ti mesmo*, deve também se orientar pelo princípio *conhece o teu irmão*, com o objetivo de educar para o acolhimento do outro (Francisco, 2021).

No âmbito da educação para a fraternidade, o Papa Francisco acredita que as religiões desempenham um papel crucial na formação das novas gerações. Ele conclama para que as tradições religiosas, com suas sabedorias e humanidade, sejam “[...] estímulos para uma renovada ação educativa que possa fazer crescer no mundo a fraternidade universal” (Francisco, 2021, s/p; Francisco; Al-Tayyeb, 2019).

Diante da emergência ambiental, o Papa Francisco enfatiza que a educação das novas gerações também deve se orientar pelo princípio *conhecer a criação*, com o objetivo de promover o cuidado da *Casa Comum* (Francisco, 2021). Na encíclica *Laudato Si'*, de 2015, ele destaca a necessidade de uma nova abordagem à educação ambiental para enfrentar a crise cultural e ecológica atual. O Papa defende que a conscientização sobre a gravidade dessa crise deve se traduzir em novos hábitos, que vão além do progresso material e do consumismo incentivado pelo mercado (Francisco, 2015a; 2020b).

De acordo com o Papa, a educação ambiental deve expandir seus objetivos para incluir uma crítica aos *mitos* da modernidade, como o individualismo, o progresso ilimitado, a concorrência, o consumismo e um mercado sem regras. Ela deve também promover o equilíbrio ecológico em vários níveis: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos e o espiritual com Deus. No entanto, o Papa Francisco observa que a educação ambiental, muitas vezes, limita-se a informar e não consegue promover a maturação de hábitos. Ele argumenta que a existência de leis e normas não é suficiente para limitar comportamentos prejudiciais a longo prazo. Em vez disso, a maioria dos membros da sociedade deve aceitar a norma jurídica com base em motivações adequadas e reagir com uma transformação pessoal (Francisco, 2015a; 2020b).

A educação, segundo a visão do Papa Francisco, é fundamentalmente uma questão de amor e responsabilidade. Ele pensa que a “[...] educação é sobretudo uma questão de amor e responsabilidade que se transmite, ao longo do tempo, de geração em geração” (Francisco, 2020b s/p). Portanto, é um ato de amor e responsabilidade para com as novas gerações. Ao transmitir conhecimento, valores e experiências, os educadores e educadoras demonstram cuidado, afeto e compromisso com o desenvolvimento integral dos indivíduos (Francisco, 2020b).

Ao colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, reconhecendo sua dignidade, singularidade e valor, os educadores e educadoras demonstram um amor que se traduz em respeito, empatia e dedicação ao bem-estar e ao crescimento de cada indivíduo. Portanto,

de acordo com o Papa Francisco, a educação como um ato de amor implica em cultivar relações de cuidado, compreensão e apoio mútuo no ambiente educativo, promovendo assim o florescimento humano e a construção de uma sociedade mais justa e fraterna (Francisco, 2020b).

Pensamento Educacional de Paulo Freire

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar (Freire, 2023b, p. 253).

Um conceito-chave, na obra de Paulo Freire, é a ideia do ser humano como um *ser inacabado*, espelhando a visão de que a humanidade está sempre em um processo contínuo de desenvolvimento e transformação. Esta perspectiva sugere que os seres humanos são, por natureza, incompletos, e que essa inconclusão é uma característica intrínseca da condição humana. Portanto, a inconclusão não é vista como uma limitação, mas sim como uma oportunidade para crescimento, criatividade e solidariedade.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu 'destino' não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na *problematização* do futuro e recuse sua inexorabilidade (Freire, 2023a, p. 52).

Freire (2023a) argumenta que a consciência de nossa própria inconclusão é o que nos torna seres humanos educáveis. Ao se reconhecerem como inacabados, os indivíduos abrem-se para a busca de conhecimento, a reflexão crítica e a construção de sua identidade. Essa busca é um movimento contínuo, por meio do qual a educação torna-se um processo permanente de aprendizado e autoconhecimento (Freire, 2023a).

Além disso, a ideia de ser inacabado está intimamente ligada à noção de que o ser humano é um ser histórico, social e relacional. Freire rejeita a noção de um *homem abstrato*, isolado e desconectado do mundo, propondo que a verdadeira compreensão do ser humano deve considerar suas interações e relações com o ambiente e com os outros. Estar no mundo significa interagir com outros e com a cultura, o que enriquece o processo de formação e aprendizado (Freire, 2023b).

A relação entre educação e ser humano é um dos aspectos importantes do pensamento educacional de Paulo Freire. Em sua obra *Educação como Prática da Liberdade*, Freire (1967) enfatiza a conexão intrínseca entre educação e ser humano, declarando que “[...] não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (Freire, 1967, p. 35). Ele defende que os seres humanos moldam-se através das relações que estabelecem uns com os outros, transformando-se e, conseqüentemente, alterando sua própria realidade.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2023a) reitera essa ideia, afirmando que “[...] ensinar é uma especificidade humana” (Freire, 2023a, p. 89). Isso significa que a educação é uma necessidade humana, pois os seres humanos não nascem programados ou predeterminados. Eles são capazes de aprender e ensinar. Esses elementos apontam para um princípio fundamental de sua filosofia educacional: a educação é um compromisso com a humanização. Esse compromisso, inerente à natureza humana, envolve o ato de ensinar a ser gente. Portanto, a educação é uma especificidade do ser humano.

Esse compromisso também implica a responsabilidade do educador em assegurar que os indivíduos não percam a oportunidade de desenvolver sua humanidade. Essa ideia ecoa o que Paulo Freire expressa na obra *Pedagogia do Oprimido*, onde ele enfatiza o compromisso e o amor que o educador deve ter pelas pessoas na luta pela libertação. Freire apresenta a educação como um compromisso que o educador tem com a humanidade. Não se trata apenas de libertação, mas de um compromisso com a humanidade. Afinal, o processo educativo é essencial para que o ser humano se torne gente (Freire, 2023a; 2023b).

Por isso, Freire enfatiza a necessidade de competência profissional. Segundo ele, “[...] ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade” (Freire, 2023a, p. 89), uma vez que o amor, por si só, não é suficiente. É essencial que o amor seja vivenciado em uma experiência educacional de alta qualidade, proporcionando as melhores condições para que os alunos possam construir sua experiência de humanidade, de maneira mais alegre, respeitosa, justa e livre possível (Freire, 2023a). Além disso, para Paulo Freire, a responsabilidade exige uma *prática testemunhal* (Freire, 2023a, p. 36). Os elementos que constituem o testemunho são: a coerência entre a palavra e o ato de quem testemunha; a ousadia do que testemunha; a radicalização na opção feita; valentia para amar e a crença nas massas populares (Freire, 2023b).

Portanto, a educação, conforme Paulo Freire, deve estar profundamente comprometida com o que ele chama de *prática testemunhal* (Freire, 2023a, p. 36). Este compromisso vai além da busca por uma coerência interna, estendendo-se à formação de uma resistência. Esta resistência é uma resposta direta a um tipo de educação que tem como objetivo preservar as desigualdades, injustiças e sofrimentos das pessoas. Na visão de Paulo Freire, a educação deve ser uma ferramenta de transformação, e não um instrumento que perpetua as situações de opressão (Freire, 2023b).

De acordo com Paulo Freire, uma educação que se compromete com a humanização é aquela que capacita os educandos a *ser mais*. O conceito de *ser mais* está intrinsecamente ligado à incessante busca pela superação das condições de opressão e alienação, visando à plena realização da humanidade e à conquista da liberdade e autonomia. Educar para *ser mais* implica transcender as limitações impostas pela

sociedade, as estruturas de poder e as ideologias dominantes. Isso envolve a busca pela autorealização e a transformação da realidade em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, Educar para *ser mais* está associado à ideia de esperança, que motiva educadores e educandos a acreditarem na possibilidade de um mundo melhor. Isso os leva a se comprometerem com a transformação pessoal e social (Freire, 2021; 2023b).

É importante ressaltar que a conscientização é um princípio fundamental no projeto educacional de Paulo Freire. Ele concebe a conscientização como um “[...] esforço de conhecimento crítico dos obstáculos, vale dizer, de suas razões de ser” (Freire, 2023a, p. 54). Para Freire, a conscientização é inerente ao ser humano, que se reconhece como um ser inacabado.

Freire vê a conscientização como a capacidade dos indivíduos de se tornarem críticos e reflexivos sobre sua realidade, reconhecendo as condições sociais, políticas e econômicas que os cercam. Este processo está intrinsecamente ligado à ideia de que a educação deve ser um ato de liberdade, e não de dominação. Freire argumenta que a conscientização permite que os indivíduos vejam-se como sujeitos de sua própria história, em vez de meros objetos passivos (Freire, 2023b).

Além disso, uma das importâncias da educação como prática conscientizadora reside na possibilidade de favorecer a expurgação da consciência opressora que habita no próprio oprimido, a qual Paulo Freire chama de *consciência colonizada* (Freire, 2023b, p. 68). Trata-se do modo de ser do outro que deseja o silêncio e a postura de permanente concordância. Portanto, a educação comprometida com a libertação precisa também ser uma oportunidade para ajudar os educandos na construção de um processo capaz de retirar de si o outro que os domina e silencia, permitindo assim que possam florescer na companhia de outros para novas experiências (Freire, 2023b).

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire afirma que a “[...] educação atua como um instrumento de intervenção no mundo” (Freire, 2023a, p. 96). Ele interpreta essa intervenção como um esforço direcionado à transformação social, que se realiza ao despertar nos estudantes a consciência de seu contexto histórico, social e cultural. Nessa perspectiva, a intervenção é vista como um meio para promover a mudança tanto na realidade quanto no próprio indivíduo (Freire, 2021; 2023a).

Freire concebe a educação como uma prática que promove a emancipação e a transformação social e pessoal. Ao estimular a conscientização, o pensamento crítico e a ação transformadora, a educação configura-se como um instrumento potente para a promoção de justiça, liberdade e igualdade. Isso possibilita que os indivíduos tornem-se agentes de mudança, contribuindo para a construção de um mundo mais humano e solidário (Freire, 2023b).

Neste sentido, Freire destaca a natureza ativa e política da educação. Ele ressalta que a educação não é um processo neutro ou apolítico.

tico; ao contrário, ela é uma forma de intervenção que pode tanto reproduzir a ideologia dominante quanto desmascará-la. Essa dualidade implica que a educação tem o poder de influenciar a realidade social e cultural, moldando consciências e comportamentos. Portanto, não existe educação neutra. A educação não pode ser neutra porque toda prática educativa está inserida em um contexto social, político e cultural que envolve relações de poder e de dominação. Segundo Freire (2023b), a neutralidade na educação é uma ilusão, pois toda prática educativa reflete e reproduz determinadas visões de mundo, valores e interesses (Freire, 2023b).

É na diretividade da educação, esta vocação que ela tem, como ação especificamente humana, de ‘endereço-se’ até sonhos, ideais, utopias e objetivos, que se acha o que venho chamando *politicidade* da educação. A qualidade de ser política, inerente à sua natureza. É impossível, na verdade, a neutralidade da educação (Freire, 2023a, p. 107-108, 109).

Para Freire, a educação deve estar consciente de sua posição política e ética, buscando promover a reflexão crítica, a conscientização e a transformação social. Uma educação como prática libertadora não pode omitir-se diante das injustiças e desigualdades. Ao contrário, deve engajar-se ativamente na transformação de situações de opressão e injustiça, visando à construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Freire, 2023b).

De acordo com Paulo Freire, a educação é uma experiência relacional e coletiva. Ele afirma que “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2023b, p. 96). Esta perspectiva ressalta que a educação não é uma transferência unilateral de conhecimento, mas um processo dinâmico e colaborativo que ocorre em um ambiente de comunhão. Outras declarações de Freire, na *Pedagogia da Autonomia*, como, por exemplo, “[...] não há docência sem discência” (Freire, 2023a, p. 23) e “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 2023a, p. 31) reiteram a ideia de que a educação é um empreendimento conjunto e relacional.

Freire argumenta que o ato de ensinar e o ato de aprender estão profundamente conectados, portanto, eles não podem ser separados. O educador, ao ensinar, também aprende com seus alunos, e os alunos, ao aprender, também ensinam ao educador sobre suas experiências, contextos e saberes prévios. Esta relação de troca e diálogo é fundamental para uma educação que busca ser crítica, reflexiva e transformadora (Freire, 2023b).

Freire também enfatiza a necessidade de reconhecer a ingenuidade dos educandos dentro do contexto educacional. No entanto, isso não deve levar o educador a desdenhar dessa ingenuidade e dos conhecimentos que dela surgem. Os saberes que os educandos trazem consigo devem ser considerados como pontos de partida para a construção da experiência educacional (Freire, 2023a). Isso implica criar um ambiente educacional que favoreça o diálogo, onde os educandos possam

compartilhar suas experiências e reflexões, contribuindo ativamente para a construção do conhecimento.

Para Paulo Freire, “[...] ensinar exige saber escutar”. “Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*” (Freire, 2023b, p. 111). Isso sugere que a educação não deve ser um monólogo direcionado ao aluno, mas um diálogo *com* ele. Esta deve ser uma escuta ativa, que transcende a mera audição; é uma disposição contínua para se abrir à fala e às diferenças do outro. A verdadeira escuta não significa silenciar a própria voz, mas enriquecer o diálogo, permitindo que a discordância e a afirmação coexistam de maneira respeitosa. De acordo com Freire, a escuta legítima é uma prática democrática que deve ser cultivada, pois permite ao educador e à educadora compreender melhor as perspectivas dos alunos e adaptar seu discurso e suas abordagens. A escuta ativa também envolve o desafio de motivar os alunos a se expressarem, criando um ambiente onde todos se sintam valorizados e ouvidos (Freire, 2023a).

Além da escuta, outro princípio importante no pensamento educacional de Freire é o diálogo. Com efeito, é o diálogo que estabelece uma relação de respeito e colaboração entre o educador e o aluno, permitindo que ambos aprendam juntos. Este diálogo é um *falar com* o educando. Essa interação dialógica não apenas valoriza as experiências e saberes dos alunos, mas também promove um ambiente onde a curiosidade e a reflexão crítica são estimuladas. Freire argumenta que, ao dialogar, o educador não impõe seu conhecimento, mas cria um espaço onde os alunos sentem-se encorajados a questionar, explorar e construir seu próprio entendimento do mundo. Além disso, o diálogo facilita a superação de saberes ingênuos, permitindo que os alunos desenvolvam uma visão mais crítica e fundamentada da realidade (Freire, 2023a).

[...] saber escutá-lo, não significa, já deixei isto claro, *concordar* com ela, a leitura de mundo, ou a ela se acomodar, assumindo-a como sua. Respeitar a leitura de mundo do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, *com* o educando e não *sobre* ele, tentar a superar de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo. Respeitar a leitura de mundo significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da *curiosidade*, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura de mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa (Freire, 2023a, p. 119-120).

A educação bancária, conforme criticada por Paulo Freire, é um modelo que considera o aluno como um recipiente passivo, a ser preenchido com conteúdo pelos educadores. Neste modelo, o professor é visto como o único detentor do conhecimento, relegando os alunos ao papel de ouvintes, sem espaço para questionamentos ou interações críticas com o conteúdo. Freire argumenta que essa abordagem perpetua

a desigualdade e a alienação, ignorando a experiência e o conhecimento prévio dos alunos (Freire, 2023a).

Dessa maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz 'comunicados' e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e reitem. Eis aí a concepção 'bancária' da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (Freire, 2023b, p. 80-81).

Freire critica essa abordagem por sua ausência de diálogo e por promover uma forma de educação que não incentiva a reflexão crítica. Ele sustenta que esse método de ensino desumaniza os estudantes, transformando-os em meros objetos de aprendizado, e impede o desenvolvimento de uma consciência crítica que poderia motivá-los a questionar e transformar a realidade social. Em contrapartida, Freire defende uma educação problematizadora, que valoriza a interação, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, permitindo que os estudantes tornem-se participantes ativos em seu próprio processo de aprendizagem e na transformação de suas realidades (Freire, 2023a).

Isso nos leva a outro elemento fundamental do pensamento educacional de Paulo Freire: a criticidade. Em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire assevera que: "Ensinar exige criticidade" (Freire, 2023a, p. 32). A criticidade é a capacidade de questionar, refletir e analisar a realidade de maneira profunda e consciente. Ele sustenta que a educação não deve ser um processo mecânico de transmissão de informações, mas sim um espaço para a formação de indivíduos críticos e reflexivos (Freire, 2023a).

Segundo Freire, a criticidade envolve a capacidade de educandos e educadores reconhecerem e questionarem as estruturas sociais, políticas e econômicas que moldam suas vidas e experiências. Isso implica que o ensino deve promover um ambiente onde os educandos sintam-se incentivados a pensar de forma independente, a expressar suas opiniões e a desafiar as injustiças e desigualdades que percebem ao seu redor. Freire também enfatiza que a criticidade não é apenas uma habilidade intelectual, mas uma postura ética e política. Ensinar com criticidade significa formar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, capazes de agir e intervir em busca de mudanças sociais (Freire, 2023a).

Na *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire destaca que: "Ensinar exige querer bem aos educandos" e "Ensinar exige alegria e esperança" (Freire, 2023a, p. 70.138). Essas afirmações ressaltam em outro princípio fundamental do projeto educacional de Freire: a educação é um ato de amorosidade e de esperança. Ele enfatiza a importância do afeto e do cuidado na relação entre educadores e alunos.

[...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos

os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humana. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre *seriedade docente* e *afetividade*. [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor, no exercício de minha autoridade (Freire, 2023a, p. 138).

De acordo com Freire, a amorosidade na educação manifesta-se no reconhecimento da humanidade do outro, na valorização de suas experiências, saberes e sentimentos. Ao estabelecer relações de afeto e respeito com os educandos, os educadores e educadoras podem criar um ambiente acolhedor, seguro e estimulante para a aprendizagem, onde cada indivíduo sinta-se reconhecido, valorizado e cuidado em sua integralidade. A educação, como prática educativo-amorosa e alegre, representa uma abordagem pedagógica que valoriza as dimensões emocionais, éticas e estéticas da experiência educativa, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o crescimento humano, a solidariedade e a construção de vínculos de confiança e respeito mútuo (Freire, 2021; 2023a).

A alegria na educação, segundo Freire, está relacionada à capacidade dos educadores e alunos de se envolverem, de forma prazerosa e significativa, no processo de ensino-aprendizagem. A alegria de aprender, de descobrir, de compartilhar conhecimentos e de se sentir parte de uma comunidade de aprendizagem contribui para a motivação, o engajamento e o bem-estar dos participantes, tornando a educação um momento de realização, crescimento e transformação pessoal e coletiva (Freire, 2021).

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliável seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (Freire, 2023a, p. 139).

Paulo Freire ressalta que a esperança é um elemento intrínseco à natureza humana e fundamental para a atividade educativa. Para ele, a esperança é um ímpeto natural que impulsiona o ser humano a participar de um movimento constante de busca e transformação.

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial [...] é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto

necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã (Freire, 2021, p. 15).

A esperança não é apenas uma atitude passiva, mas uma força âncora na ação. Freire vê a esperança como um condimento indispensável à prática educativa. Ele acredita que a esperança é essencial para alimentar a alegria, a curiosidade e a vontade de aprender, tanto por parte dos educadores e educadoras quanto dos educandos. A esperança, nesse sentido, motiva-os a resistir aos obstáculos e a se envolverem na prática pedagógica com entusiasmo e confiança no potencial transformador da educação (Freire, 2021; 2023a).

Além disso, Freire enfatiza que a esperança é um elemento essencial para superar as situações de opressão, desigualdade e exclusão. Ele ressalta que a educação deve ser um ato de esperança, de amor e de compromisso com a transformação pessoal e social, permitindo aos educandos acreditarem em seu potencial de mudança e de construção de um futuro mais digno e igualitário. Freire também destaca que a desesperança não é uma condição natural do ser humano, mas uma distorção da esperança. Ele argumenta que o ser humano é, por natureza, um ser da esperança que, por várias razões, pode tornar-se desesperançado. Portanto, uma das tarefas do educador e educadora progressista é desvelar as possibilidades para a esperança, diminuindo as razões objetivas para a desesperança (Freire, 2021; 2023a).

Considerações finais: interlocuções entre o pensamento do Papa Francisco e Paulo Freire

A análise comparativa entre o pensamento educacional do Papa Francisco e Paulo Freire revela uma rica intersecção de ideias, visto que ambos oferecem contribuições valiosas para a educação contemporânea. Essa relação permite evidenciar muitas convergências, bem como diferenças de abordagens.

A educação, vista como um caminho para a humanização e centrada no ser humano, é um elemento fundamental no pensamento do Papa Francisco e de Paulo Freire. A visão do Papa Francisco sobre o ser humano baseia-se na antropologia cristã, considerando o indivíduo como uma criatura de Deus, relacional e social. Ele ressalta uma educação que promove a plenitude da humanidade, uma plenitude que está intrinsecamente ligada a todos os elementos que constituem o ser humano. Portanto, ele propõe uma educação que não se limita à formação técnica, mas que também inclui a formação de valores e está aberta à transcendência.

Paulo Freire, por outro lado, vê o ser humano como um *ser inacabado*, histórico, relacional e social, que não é predeterminado e está em constante busca, desenvolvimento e transformação. Por ser um *ser inacabado*, o ser humano é educável, tornando a educação uma especificidade humana. Freire enfatiza uma educação voltada para a humanização, que permite ao ser humano *ser mais* e *ser gente* com liberdade e autonomia.

O conceito de educação integral é particularmente central no pensamento do Papa Francisco. No entanto, tanto o Papa Francisco quanto Paulo Freire defendem uma visão de educação que vai além da mera transmissão de conhecimento e criticam uma educação tecnicista. Ambos propõem uma educação que busca formar indivíduos completos, capazes de se relacionar com o mundo de maneira crítica e responsável.

Para o Papa Francisco, a educação integral envolve o desenvolvimento de valores humanos, sociais e espirituais, promovendo uma formação que respeite a dignidade de cada pessoa e a interconexão entre todos os seres, enfatizando a solidariedade, a empatia e o cuidado com a *Casa Comum*. Paulo Freire, por sua vez, propõe uma educação que visa à formação de indivíduos críticos e conscientes de sua realidade, os quais sejam capazes de questionar e transformar suas condições de vida, promovendo a libertação, a autonomia e a emancipação por meio do diálogo e da reflexão crítica.

A visão de uma educação aberta à transcendência do Papa Francisco e o conceito de *ser mais* de Paulo Freire compartilham uma perspectiva humanista e integral da educação, embora cada um apresente nuances distintas. O Papa Francisco enfatiza que a educação deve estar aberta à dimensão da transcendência, buscando a totalidade da verdade e promovendo valores humanos que transcendem o conhecimento técnico. Ele ressalta uma formação ética e espiritual integrada que cultiva uma cidadania engajada e solidária. Em contraste, Paulo Freire propõe uma educação voltada para a libertação e a autonomia, a qual possibilite que o educando seja percebido como um ser em constante transformação. A ideia de *ser mais* implica a conscientização do potencial individual para transformar a realidade circundante.

Ambas as concepções reconhecem a importância da formação integral do ser humano, defendendo que a educação deve ir além da mera transmissão de conhecimento, incorporando valores éticos e sociais que promovam a dignidade humana e a transformação social. No entanto, enquanto o Papa Francisco destaca a dimensão transcendente como parte da formação integral, Freire concentra-se na prática da conscientização e na luta contra a opressão. A abordagem deste é mais centrada na ação e na transformação social. Isso, no entanto, não implica que esses elementos estejam ausentes na abordagem do Papa Francisco.

Tanto o pensamento do Papa Francisco quanto o de Paulo Freire sublinham a relevância da escuta ativa e do diálogo como alicerces essenciais para uma educação inclusiva e transformadora. Freire defende que “Ensinar exige saber escutar” (Freire, 2023a, p. 110), realçando que uma escuta genuína enriquece o diálogo e permite que os educadores compreendam, de forma mais profunda, as perspectivas dos estudantes, fomentando um ambiente de aprendizado colaborativo. Analogamente, o Papa Francisco destaca a necessidade da escuta e do diálogo, sublinhando que a educação deve ser pautada na empatia e no respeito pelas diversas vivências dos indivíduos. Contudo, enquanto Freire concentra-se na superação de saberes ingênuos e na construção de uma

consciência crítica, o Papa Francisco aborda a necessidade de estabelecer conexões entre instituições educacionais para enfrentar desafios complexos, promovendo uma interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Assim, apesar de ambos compartilharem uma visão humanista da educação, Freire foca mais na crítica social e na conscientização, enquanto o Papa Francisco enfatiza a construção de comunidades educadoras e a valorização das diversidades culturais e religiosas.

Ambos, o Papa Francisco e Paulo Freire, enfatizam que a educação não é um processo neutro; ao contrário, ela deve ser um instrumento de conscientização e intervenção que busca a justiça, a igualdade e a dignidade humana. O Papa Francisco ressalta a necessidade de um novo modelo educacional que responda às crises contemporâneas, promovendo um novo paradigma cultural que respeite a dignidade e a solidariedade, enquanto Freire defende uma educação que desperte a consciência crítica dos indivíduos em relação ao seu contexto histórico e social, permitindo que se tornem agentes de mudança. No entanto, uma divergência manifesta-se na abordagem: enquanto Freire foca na emancipação individual e na conscientização crítica como formas de resistência e transformação, o Papa Francisco enfatiza a esperança e a solidariedade como fundamentos para a mudança, sugerindo uma visão mais coletiva e comunitária da educação. Embora ambos compartilhem a crença na educação como motor de transformação, suas ênfases e abordagens refletem nuances distintas em suas visões.

Tanto o Papa Francisco quanto Paulo Freire enfatizam a educação como um ato intrinsecamente ligado à esperança, considerando-a essencial para a transformação social e para o desenvolvimento humano. Ambos veem a esperança como uma força ativa que motiva educadores e educandos a se engajarem em processos de aprendizado e mudança. Freire destaca que a esperança é fundamental para superar a opressão e a desigualdade, enquanto o Papa Francisco a associa à necessidade de arriscar e à escuta das vozes dos jovens, promovendo uma educação inclusiva e participativa. No entanto, Freire enfatiza a prática pedagógica como um meio de concretizar a esperança, ressaltando a importância da afetividade e do compromisso ético na relação educador-aluno, enquanto o Papa Francisco amplia a discussão para incluir a dimensão comunitária e global, propondo uma “globalização da esperança” que transcende o contexto individual e local.

No que diz respeito à educação ambiental, o Papa Francisco destaca a urgência de uma educação que promova a responsabilidade ecológica e a solidariedade, abordando diretamente as crises ambientais e a necessidade de uma nova abordagem educacional para enfrentá-las. Por outro lado, a questão ambiental não era um tema do contexto de Paulo Freire, portanto, ele não poderia ter abordado uma perspectiva no sentido de uma educação ambiental, embora seus princípios de conscientização crítica e transformação social possam ser aplicados a questões ambientais. Portanto, enquanto Freire oferece uma base teórica que pode ser utilizada para discutir questões ambientais, o tratamento explícito do tema é uma característica distintiva do pensamento do Papa Francisco.

Conforme se verificou, tanto o Papa Francisco quanto Paulo Freire enfatizam a importância do amor na prática educativa, reconhecendo que a educação deve ser um ato de cuidado e compromisso com o desenvolvimento integral dos indivíduos. Para o Papa Francisco, a educação é uma questão de amor que se transmite de geração em geração, promovendo relações de respeito e empatia. Freire, por sua vez, destaca que ensinar exige querer bem aos educandos, associando a amorosidade à esperança e à transformação social. No entanto, uma divergência notável reside na abordagem da esperança: Freire vê a esperança como um elemento intrínseco à natureza humana e essencial para a prática educativa, enfatizando a necessidade de ação e luta para a transformação do mundo, enquanto o Papa Francisco foca mais na responsabilidade e no amor como fundamentos da educação, sem necessariamente abordar a luta social de forma tão explícita.

Gostaríamos de concluir este breve diálogo entre o pensamento do Papa Francisco e Paulo Freire com a voz poética de Adélia Prado, na prosa 10 do livro *Solte os Cachorros*.

Eu não sei o que estou fazendo aqui na sala dos professores, morrendo de sono nesse horário vago que eles chamam feiamente de buraco. Não sei por que dou aulas. Rasamente eu sei. Me sinto na obrigação de fazer qualquer coisa pelo reino de Deus. Profundamente se tivesse garantia de que não pecava ia fazer o que gosto, isto é, nada. Mas um nada produtivo. De bruços no chão, apesar da minha idade, ia tourear formigas (Prado, 2006, prosa 10).

Adélia Prado, em sua poesia, expressa: “Rasamente eu sei. Me sinto na obrigação de fazer qualquer coisa pelo reino de Deus”. Acreditamos que essas palavras traduzem poeticamente o compromisso que o Papa Francisco e Paulo Freire acreditam que uma educação voltada para a humanização deve assumir. Essa educação deve servir aos educandos, especialmente no apoio às crianças para a construção de sua humanidade, que valorize e cuide das pessoas e da Casa Comum e que acredite na possibilidade de transformar a realidade em que vivemos e a nós mesmos. Deve ser uma educação comprometida com a humanização e que esteja a serviço dos seres humanos. Além disso, deve contribuir para a humanidade das crianças e dos jovens. Em uma época como a nossa, em que se discute a utilização da inteligência artificial no âmbito educacional, conceber e exercer experiências educativas que sejam humanizadas e humanizadoras é fundamental. Isso é essencial para compreender as novas tecnologias como ampliadoras e facilitadoras nos processos de ensino-aprendizagem, e nunca como substitutas do docente, pois a educação é, fundamentalmente, uma atividade humana, baseada em relações entre pessoas.

Recebido em 07 de outubro de 2024
Aprovado em 05 de dezembro de 2024

Referências

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília: Unesco, 1998.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 18 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si Sobre o cuidado da Casa Comum**. Vaticano, 2015a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 19 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica com o tema: educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova. In: CONGRESSO MUNDIAL DA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2015, Vaticano. **Discurso**. Vaticano, 21 nov. 2015b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html. Acesso em: 17 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco à Associação de Pais das escolas católicas (AGESC)**. Vaticano, 5 dez. 2015c. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/december/documents/papa-francesco_20151205_agesc.html. Acesso em: 19 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica. In: PLENÁRIA DA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2017, Vaticano. **Discurso**. Vaticano, 9 fev. 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170209_plenaria-educazione-cattolica.html. Acesso em: 17 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos membros da Fundação Gravissimum educationis**. Vaticano, 25 jun. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180625_gravissimum-educationis.html. Acesso em: 18 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para lançamento do Pacto Educativo**. Vaticano, 12 set. 2019a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html. Acesso em: 17 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco aos participantes na Conferência da Federação Internacional das Universidades Católicas. In: CONFERÊNCIA DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS., 2019, Vaticano. **Discurso**. Vaticano, 4 nov. 2019b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191104_dirigenti-universita.html. Acesso em: 17 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**. Sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano, 2020a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html#1. Acesso em: 31 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião do Encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: “Global Compact on Education. Together to look beyond”**. Vaticano, 15 out. 2020b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201015_videomessaggio-global-compact.html#_ftnref1. Acesso em: 17 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Encontro Religiões e Educação: pacto educativo global**. Discurso do Papa Francisco. Vaticano, 5 out. 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>. Acesso em: 19 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso. In: LINHAS DE DESENVOLVIMENTO DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL, 2022, Vaticano. **Discurso**. Vaticano, 1 jun. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/june/documents/20220601-convegno-pattoeducativo.html>. Acesso em: 19 jul. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos reitores, professores, estudantes e funcionários das universidades e institutos pontifícios romanos**. Vaticano, 25 fev. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/february/documents/20230225-univ-pontificioromane.html>. Acesso em: 19 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Saluto del Santo Padre Francisco al presidente e al Board of Trustee della University of Notre Dame** (Indiana, U.S.A.). Vaticano, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2024/february/documents/20240201-university-indiana.html>. Acesso em: 19 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa; AL-TAYYEB, Al-Azhar Ahmad. **Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum**. 4 fev. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 31 jul. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 77. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 87. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023b.

PRADO, Adélia. **Solte os Cachorros**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Edilmar Cardoso Ribeiro é Doutor em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), atualmente atua como professor e pesquisador na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Chile.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7622-8891>

E-mail: edilmar.cardoso@uc.cl

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio artigo.

Editora responsável: Lodenir Karnopp

